



41

REVISTA  
PORTUGUESA  
DE  
HISTÓRIA

COIMBRA 2010

## Nota Introdutória

Tema clássico da pesquisa historiográfica, o campo da História Rural regista, na actualidade, um interessante incremento: retomam-se caminhos já anteriormente trilhados, que se renovam à luz de novas fontes, metodologias e modelos teóricos; abrem-se novas agendas de investigação e de síntese que tentam dar resposta a novos problemas, nomeadamente os associados às questões ambientais.

A *Revista Portuguesa de História* apresenta neste volume onze artigos: sete dedicados directamente à História Rural e quatro, incluídos, na secção de *Varia*, versando temáticas que aportam igualmente um contributo relevante para a compreensão do universo multifacetado do mundo dos campos.

O lobo é um ser intrinsecamente associado à mundividência rural constituindo-se como um dos principais medos que povoava o quotidiano real e o imaginário do camponês de outros tempos. À imagem negativa, que no passado se projectou sobre o animal predador, contrapõe-se hoje o discurso centrado na sua protecção. Jean-Marc Moriceau no artigo *Un problème d'environnement rural: La dangerosité du loup en France du Moyen Âge au xx<sup>e</sup> siècle* analisa, em tempo longo, – 1580 1880–, e com base em 5400 evidências históricas, as marcas deixadas pelos lobos nas diversas regiões francesas.

Atendendo à centralidade da floresta nas sociedades pré-industriais – denominadas como “civilização da madeira” – a composição e os usos florestais sempre constituíram um importante objecto historiográfico. As questões da sustentabilidade ecológica com que se defronta o mundo actual convocam o historiador para um novo olhar sobre esta área de investigação. António Valério Maduro no artigo *O Espaço florestal de Alcobaça nos séculos XVIII e XIX* analisa a evolução e a sustentabilidade da floresta ao longo dos séculos XVIII e XIX, no território dos coutos de Alcobaça, em articulação com as práticas agrícolas e os interesses ligados à comercialização da madeira.

A compreensão dos sistemas agrários de Antigo Regime, tanto na vertente dos géneros cultivados como dos recursos arbóreos, implica a convocação de um conjunto de variáveis explicativas da sua organização. Joaquim Romero Magalhães em *Do tempo e dos trabalhos: a agricultura portuguesa no século XVII* apresenta-nos uma síntese sobre a agricultura portuguesa seiscentista,

equacionando o problema da sua modernização à luz de conhecimentos técnicos e de relações de propriedade sustentadoras de equilíbrios sociais.

A agricultura portuguesa, ao longo dos séculos XVIII e XIX, traçou o seu percurso numa tensão entre permanência e mudança, sendo esta desencadeada, entre outros factores, por processos de mercantilização dos produtos agrícolas. João Nunes de Oliveira no artigo *Entre o imobilismo e a mudança. A agricultura da Beira Alta nos séculos XVIII e XIX* apresenta a evolução do património agrário da região beirão carreando factores explicativas das suas continuidades e inovações.

Uma parte muito expressiva da vida agrária sobretudo, a que se organizou em terras de planície, estruturou-se no contexto de domínios senhoriais de casas monásticas. Os cartórios destas instituições, nomeadamente dos mosteiros beneditinos e de Cister, constituem-se como repositórios documentais de enorme valia para o estudo dos sistemas agrários bem como da composição e evolução das produções agrícolas. Pegerto Pegerto no estudo *Trayectoria de las rentas monásticas y del sistema agrario de Galicia desde la segunda mitad del XVI a 1835* analisa a evolução da agricultura galega destacando, em particular, o impacto que a introdução do milho grosso provocou nos sistemas agrários e nas economias camponesa e monástica.

Nas sociedades pré-industriais o urbano e o rural interpenetravam-se numa síntese paisagística particularmente expressiva em contextos medievais. Maria Amélia Álvaro de Campos apresenta-nos em *O rural e o urbano nas freguesias de Coimbra nos séculos XIII e XIV*, um estudo de caso sobre o diálogo entre equipamentos urbanísticos e estruturas rurais.

Este volume da *Revista Portuguesa de História* enriquece-se com três artigos dedicados à historiografia brasileira.

Márcia Maria Menendes Mota em *O Rural na História do Brasil (Dos Anos 80 aos Trabalhos mais Recentes)* apresenta os precursos da historiografia brasileira no campo da História Rural, destacando o papel da historiadora Maria Yedda Leite Linhares na abertura e consolidação de uma linha de pesquisa dedicada ao mundo rural brasileiro. Aborda ainda a recepção no Brasil de historiografias europeias, com particular destaque para os estudos anglosaxónicos.

Por sua vez, Maria de Lurdes Rosa e André Bertoli em *Medievalismos irmãos e (menos) estranhos? Para um reforço do diálogo entre as historiografias brasileira e portuguesa sobre Portugal medieval*, carregam detalhada informação bibliográfica sobre os principais estudos que os historiadores brasileiros têm dedicado à época medieval, propondo ainda um “inquérito historiográfico” comum entre investigadores portugueses e brasileiros susceptível de aprofundar o diálogo entre as duas historiografias.

Finalmente Ângela Castro Gomes em *A experiência colonial e as raízes do pensamento social brasileiro: Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda* analisa o pensamento de dois destacados historiadores brasileiros evidenciando afinidades conceptuais que lhes permitem uma análise convergente da sociedade brasileira.

O universo medieval é convocado no artigo de Sérgio Carlos Ferreira *Para uma nova interpretação da realidade metrológica tardo-medieval: geografia, política e sociedade*, no qual o autor desvenda os impactos do complexo sistema dos pesos e das medidas na sua diversidade geográfica, destacando as tentativas da sua uniformização.

Os artigos deste volume da revista situam-se num campo cronológico muito abrangente. Vasco Mantas em *Atlântico e Mediterrâneo nos portos romanos do Sado* estuda as actividades comerciais dos centros portuários da região sadina, destacando a articulação entre elementos atlânticos e mediterrânicos.

O volume conclui-se com a publicação de algumas recensões críticas.

Como coordenadora deste volume cumpre-me agradecer a todos os autores que nele se propuseram colaborar, estando certa que a leitura dos seus estudos contribuirá para a consolidação e abertura de novas perspectivas no campo da História Rural.

A coordenadora científica do volume  
*Margarida Sobral Neto*